

Liberdade na Internet Essencial para Direitos Humanos, Prosperidade Económica

Secretária Clinton define política americana acerca de protecção da liberdade na Internet



Um homem posa para uma foto no exterior da sede do Google China, em Pequim, a 16 de Janeiro.

Por Jane Morse
Redactora

Washington – A liberdade na Internet é essencial para a defesa dos direitos humanos e para incentivar a prosperidade económica e os Estados Unidos tencionam promover agressivamente o acesso à Internet para todos os povos, diz a Secretária de Estado Hillary Rodham Clinton.

“Nós somos partidários de uma única Internet em que toda a humanidade tem acesso a conhecimentos e ideias”, disse Clinton num discurso inovador sobre política externa, proferido a 21 de Janeiro no Newseum de Washington.

Ela relacionou a liberdade de utilização da Internet sem impedimento por parte do governo a direitos humanos básicos como a liberdade de religiosa, liberdade de expressão e liberdade de reunião. Ter liberdade para se ligar à Internet “é o mesmo que liberdade de reunião, mas no ciber-espço”, disse ela.

Clinton comparou os esforços de alguns governos no sentido de recusarem o acesso ilimitado à Internet à construção do muro de Berlim. “Muros virtuais estão a erguer-se de súbito, em vez de muros visíveis”, declarou.

“Alguns países ergueram barreiras electrónicas que impedem a sua população de ter acesso a partes das redes mundiais. Eliminaram palavras, nomes e frases dos resultados de motores de busca”.

“Violaram a privacidade de cidadãos, que se dedicam a um discurso político não violento. Estas acções violam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que nos diz que todas as pessoas têm o direito de procurar, receber e divulgar informação e ideias através de qualquer meio, independentemente das fronteiras”.

Embora elogiasse os “cidadãos jornalistas corajosos” no Irão, que utilizaram imagens de vídeo de telemóveis para mostrar ao mundo a repressão brutal no seu país, Clinton também observou que “a liberdade de expressão tem limites”.

“Nós não toleramos aqueles que incitam os outros à violência, como os agentes da Al Qaeda que, neste momento, estão a utilizar a Internet para promover o assassinato em massa de pessoas inocentes em todo o mundo. E um discurso de ódio, que tem como alvo pessoas com base na sua raça, religião, etnia, género ou orientação sexual, é condenável”, afirmou a secretária.

Segundo Clinton, a Internet é um instrumento valioso de promoção de justiça social. Ela deu como exemplo um engenheiro desempregado na Colômbia que usou a Internet para unir mais de 12 milhões de pessoas em 190 cidades em todo o mundo para se manifestarem contra o movimento terrorista FARC. No México, um cidadão anónimo utilizando e-mails conseguiu mobilizar cerca de 150.000 pessoas para se manifestarem contra a violência relacionada com a droga. E na Índia, um rapaz de 13 anos, utilizando redes sociais on-line, conseguiu organizar bancos de sangue para as vítimas dos ataques terroristas de Bombaim.

Graças a tecnologia acessível, há cerca de 4 mil milhões de telemóveis a serem utilizados em todo o mundo, mesmo nas camadas mais pobres da sociedade, afirmou Clinton. “As redes de informação tornaram-se um grande nivelador e devemos usá-las para tirar as pessoas da pobreza e libertá-las da carência”.

A secretária notou que, quando o Presidente Obama visitou a China em Novembro de 2009, ele defendeu publicamente o direito das pessoas ao acesso irrestrito à informação e disse que quanto mais livremente circular a informação, mais fortes se tornam as sociedades.

“Falámos acerca do modo como o acesso à informação ajuda os cidadãos a responsabilizar os seus próprios governos, produz novas ideias, incentiva a criatividade e o empreendedorismo”, disse ela.

Questionada sobre os esforços do governo chinês para censurar e controlar empresas tecnológicas americanas, que operam no seu território, Clinton disse que a administração Obama está empenhada “em conversações muito francas e construtivas com o governo chinês”. Ela acrescentou: “Tivemos um ano positivo de discussões muito abertas com os nossos homólogos chineses”.

Segundo Clinton, a administração Obama está a relançar a Task Force para Liberdade Global na Internet como um fórum para tratar das ameaças à liberdade na Internet em todo o mundo.

“Estamos a exortar as empresas de comunicação social americanas a desempenharem um papel proactivo, desafiando as exigências de governos estrangeiros em termos de censura e vigilância. O sector privado tem a responsabilidade comum de ajudar a salvaguardar a liberdade de expressão. E, quando os seus negócios ameaçam prejudicar esta liberdade, devem considerar o que está certo e não apenas o lucro rápido”, disse ela.

A administração Obama sente-se “encorajada” pelo trabalho a ser realizado actualmente pela Global Network Initiative, que é um esforço voluntário por empresas tecnológicas – juntamente com organizações não governamentais, académicos e fundos de investimento social – para responder a pedidos de censura dos governos. Ela anunciou que, como parte do compromisso do governo americano de apoiar o engajamento

responsável do sector privado na liberdade de informação, o Departamento de Estado realizará uma reunião de alto nível no próximo mês para juntar firmas que prestam serviços de rede para debaterem a liberdade na Internet.